

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

**O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS: SEMELHANÇAS
E DIFERENÇAS NO ESPORTE**

Geórgia Fernandes Balardin

Porto Alegre

2016

Geórgia Fernandes Balardin

**O FUTEBOL FEMININO NO BRASIL E NOS ESTADOS UNIDOS: SEMELHANÇAS
E DIFERENÇAS NO ESPORTE**

Trabalho de Conclusão do Curso de Educação Física, submetido como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Janice Zarpellon Mazo

Porto Alegre

2016

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, Jorge e Marilene, pelo apoio, amor, carinho e dedicação que tiveram comigo durante esses anos na graduação. Em especial, minha mãe, no qual sou uma grande admiradora pela sua dedicação como professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Agradeço aos meus irmãos que sempre estiveram comigo durante esta caminhada e ao meu pai, que sempre será o meu torcedor e fã incondicional do meu futebol.

Agradeço a minha professora orientadora Janice Mazo, por sempre ser atenciosa, disponível para dúvidas e questionamentos e ter me incentivado a escrever sobre este tema.

Aos times nos quais tive o prazer de jogar e fazer parte de uma grande equipe: Associação Carlos Barbosa de Futsal, Duda, UFRGS, Grêmio, Canoas, Porto Alegre, Farroupilha. As duas atletas Sissi e Márcia Tafarel, que me recepcionaram muito bem nos treinamentos e jogos realizados nos Estados Unidos. A Eduarda Luizelli por ter acreditado em mim e no meu sonho desde criança.

As minhas amigas e parceiras de equipe que conquistei durante esta caminhada de 16 anos no futebol.

A todos os técnicos e técnicas que passaram ensinamentos e conhecimentos para minha carreira no esporte.

Ao meu grande amigo Vitor Pavan que se não fosse ele talvez não tivesse nem começado a jogar futebol.

A equipe Reijow, a qual faço parte, que durante estes anos de graduação vem participando do meu crescimento pessoal e profissional.

Aos meus amigos, que conquistei durante estes 4 anos de graduação na ESEFID/UFRGS, que foram muito importantes para o meu crescimento acadêmico e pessoal e por todos os momentos de alegria e descontração.

Aos amigos que conquistei em cada lugar que trabalhei durante a graduação, que contribuíram para o meu crescimento profissional.

Muito obrigada por tudo.

RESUMO

Objetivo: Essa pesquisa tem como objetivo descrever as diferenças e semelhanças entre o futebol feminino praticado em clubes do Brasil e dos Estados Unidos.

Metodologia: Este estudo se caracteriza por uma pesquisa de cunho qualitativo, de abordagem descritiva e interpretativa. O estudo contou com a participação de sete atletas brasileiras, no qual foi utilizado uma entrevista semiestruturada para avaliar o relato das atletas em relação a diferentes aspectos, a saber: à estrutura física; os recursos de saúde; as vestimentas das atletas; o treinamento tático e técnico; a mídia escrita e digital; e as categorias de base de atletas brasileiras que atuam ou tenham atuado no Brasil e nos Estados Unidos. A partir das informações obtidas por meio de entrevistas foi feita uma análise qualitativa dos dados por categoria.

Resultados: Os resultados mostraram que nas equipes profissionais americanas as jogadoras de futebol tem assistência médica, fisioterápica, psicológica e nutricional, enquanto no Brasil essa assistência é muito limitada ou inexistente. As equipes profissionais americanas tem uma estrutura organizada e eficiente quanto à ajuda financeira em viagens, transporte, hospedagem para campeonatos e vestimenta uniformizada. Já no Brasil, esta é considerada muito precária. Quanto ao treinamento técnico e tático, nos Estados Unidos a ênfase é no treinamento físico e na organização tática. No Brasil, o treinamento esta focado na técnica de habilidades individuais. **Conclusão:** O estudo mostrou que no Brasil o futebol feminino, ainda é permeado pela abordagem do treinamento inicial em um “ambiente criativo”, de pouco investimento e dificuldades, enquanto nos Estados Unidos a maioria das atletas tem um treinamento formal com um investimento maior favorecendo o resultado final.

Palavras-chave: Futebol Feminino; Mulheres; Clubes.

ABSTRACT

Objective: This research aims to describe the differences and similarities between women's soccer played in Brazilian and United States' teams. **Methods:** This study is characterized by a qualitative, with a descriptive and interpretive approach. The study counted on the participation of seven Brazilian athletes in which a semi-structured interview was used to evaluate the athletes' report in relation to different aspects, namely: facilities; health resources; athletic apparel; tactical and technical training; written and digital media; and the youth teams. From the information obtained through interviews a qualitative analysis of the data by topic was made. **Results:** The results showed that in professional American teams athletes have medical, physiotherapeutic, psychological and nutritional assistance, whereas in Brazil this assistance is limited or absent. US professional teams have an efficient organization for financing travel, transportation, lodging for championships and uniformed clothing. In Brazil, this is considered very amateur. Regarding technical and tactical training, in the United States the emphasis is on physical training and tactical organization whereas in Brazil is focused on individual skills. **Conclusion:** The study showed that in Brazil women's football is still permeated by the initial training approach in a "creative environment", with little investment and difficulties, while in the United States most athletes have formal training with a greater investment favoring best results.

Keywords: Women's Football; Women; Clubs.

SUMÁRIO

1. PREFÁCIO	7
2. INTRODUÇÃO	12
3. REVISÃO DE LITERATURA	14
4. METODOLOGIA	19
5. RESULTADOS	20
6. DISCUSSÃO	25
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	30
ANEXOS.....	33

1. PREFÁCIO

Aos 5 anos de idade, acompanhava os meus amigos jogando futebol, como observadora. Inicialmente, não me era dado o direito de jogar até que em um dia, na falta de jogadores, um amigo me convidou para entrar no jogo. Fui gradativamente me interessando pelo esporte ao mesmo tempo que fui ganhando habilidade com a bola. No ano de 2001, entrei em uma escolinha de futebol conveniada com o Sport Club Internacional, coordenada por uma tradicional jogadora, Duda Luizelli, localizada no antigo Estádio dos Eucaliptos em Porto Alegre.

Nessa época, faziam somente 5 anos que o futebol feminino havia sido incluído como categoria esportiva nas Olimpíadas. No Brasil, a explosão do futebol feminino ocorreu na década de 80 com o time Radar. Esse time ganhou campeonatos nacionais e internacionais. Somente em 1991 que os dirigentes voltaram a procurar as jogadoras para formar uma seleção para o mundial da China. Nessa época o regulamento do futebol feminino já era o mesmo do masculino e o Brasil começou a se preparar para as Olimpíadas de Atlanta em 1996, na qual conquistou o quarto lugar (DARIDO, 2002).

Conhecendo um pouco da história do futebol vejo que iniciei essa prática quando o Brasil começava a se organizar no futebol feminino. Continuei jogando somente na Escolinha da Duda até o ano de 2005, quando então iniciei a jogar e competir pela minha escola, Colégio Maria Imaculada das Irmãs Franciscanas Bernardinas. Na verdade, passava várias horas do dia praticando futebol, pois, além de treinar na escola e na escolinha de futebol, também praticava com meus amigos na quadra do condomínio. Nesse momento, em 2006, com 11 anos participei da Copa Jetix, um campeonato patrocinado pelo Canal Disney, ganhando o primeiro campeonato etapa estadual. Desta forma, participamos da etapa nacional da Copa Jetix, conquistando o segundo lugar. Nessa etapa tive a oportunidade de receber o Troféu Fair Play. A escola não tinha como objetivo apoiar o esporte de competição, treinamentos específicos não eram realizados. Fomos favorecidas pelo fato de participávamos de treinamentos simultâneos na escolinha de futebol.

No ano de 2007, participei do Milan Junior Camp, uma oficina intensiva de treinamento de futebol com o técnico italiano que atuava nas categorias de base do Milan. A hegemonia masculina é tão grande no esporte que dos 60 participantes

havam somente 3 meninas. Passamos uma semana de treinos intensivos, isolados dos nossos familiares. Foi um momento de muito aprendizado com treinos de fundamentos técnicos e táticas utilizados na Europa. Ao final dessa jornada entre tantos meninos fui escolhida pelo técnico e premiada com o Troféu Jogadora Destaque o que causou um desconforto para a comissão organizadora que acabou por criar o Troféu Melhor Jogador para premiar um menino.

Altman (1998), na sua dissertação de mestrado pela Universidade Federal de Minas Gerais em Belo Horizonte, lembrou que o papel do futebol feminino na escola representa mais uma ameaça do que um desafio. A expectativa dos alunos de que praticas e espaços esportivos são dominados por meninos colocava-os em uma obrigação de serem superiores as meninas, as quais de maneira geral eram consideradas, mas jogadoras, necessitando demonstrar o contrário se quisessem jogar com eles. Ainda assim, jogar com as meninas não era um desafio para os meninos, pois um bom desempenho contra elas não lhes creditava qualquer mérito especial e jogar pior do que elas era um vexame, pois ia contra a expectativa de superioridade masculina nesse universo, deste modo jogar com as garotas representa para os meninos não um desafio mas uma ameaça (ALTMAN, 1998).

No ano de 2008, sai da escolinha de futebol e passei a atuar nas categorias de base do Porto Alegre, jogando o Campeonato Municipal e Estadual de futebol de campo, organizado pela Federação Gaúcha de Futebol. Com apenas 14 anos, já atuava no time B do Porto Alegre na categoria adulto. Nessa oportunidade participei de testes para a Seleção Brasileira Sub-20, sendo aceita. No entanto, pela idade acabei por ser cortada. Com a adolescência também começaram a surgir problemas com as diferenças socioculturais e de gênero. As questões socioculturais podiam ser facilmente resolvidas e as necessidades financeiras faziam com que somente algumas meninas fossem remuneradas para jogar. Enquanto por questões de gênero acabava por evitar situações que pudessem me constranger e causar inimizades.

Após diversos campeonatos escolares, e o reconhecimento de uma boa jogadora, fui convidada a participar do time de competição do Colégio Farroupilha com uma bolsa esportiva. Inicialmente essa bolsa seria de 100%, no entanto ao avaliar a renda familiar, fato que não havia sido mencionado inicialmente, acabei com 50 % da bolsa. O início no colégio foi de difícil adaptação, tanto dos colegas de

sala de aula, quanto das meninas do time de competição que de certa forma se sentiram desconfortáveis com minha presença e com o espaço que conquistei no time. No entanto, com o tempo as pequenas divergências foram sumindo e conseguimos ter um time unido que conquistou muitos campeonatos estudantis. Particpei do time de competição do Colégio Farroupilha durante 4 anos, jogando inicialmente tanto futebol de campo quanto futsal.

No Campeonato Guri Bom de Bola Campo, um dos primeiros que participei, fomos campeãs da etapa municipal. Com a classificação na etapa municipal, jogamos a etapa estadual conquistando o segundo lugar, quando fui premiada com o Troféu Melhor Lateral Seleção Guri Bom de Bola. No mesmo campeonato, na modalidade futsal, conquistamos o campeonato tanto municipal como estadual.

O Colégio Farroupilha abrigava um dos principais campeonatos escolares, o Paquetá Esportes Adidas, que incluía diferentes modalidades esportivas. Neste campeonato, jogamos futsal e por quatro anos consecutivos fomos campeãs na categoria juvenil. No ano de 2011, como campeãs do Paquetá Esportes Adidas, disputamos a partida classificatória para a vaga no campeonato brasileiro de futsal escolar, Olimpíadas Escolares / Jogos Escolares da Juventude. Participamos então dos jogos em Curitiba e ficamos em quarto lugar. Participar desse campeonato foi um momento de grande aprendizado e a oportunidade de conviver com times de diferentes estados do Brasil. No ano de 2012, mais uma vez representamos o estado no campeonato nacional de futsal escolar, agora na cidade de Cuiabá. Foram jogos muito difíceis e nosso time foi vencendo a cada partida com muita disposição e união. Não éramos as favoritas, mas aos poucos fomos conquistando o público que fazia uma grande torcida. Chegamos a final contra o time de Mato Grosso, sendo um jogo intenso e acirrado. No primeiro tempo perdíamos a partida, mas no segundo tempo conseguimos reverter o placar conquistando o campeonato. Foi emocionante, como capitã do time receber o troféu e medalha ao som do Hino Nacional. Posso afirmar que terminei o segundo grau conquistando todos os campeonatos escolares. Na formatura de segundo grau, por ter participado durante todo o ensino médio do time de competição da escola fui agraciada com a Medalha de Honra ao Mérito Armando Capra.

Terminado o ensino médio, joguei de forma profissional pelo time Duda – Canoas futebol de campo. Durante dois anos jogando por esse time de forma

graciosa, mais uma vez me deparei com o fato de que somente algumas atletas eram remuneradas por diferentes razões. No futebol adulto as diferenças socioculturais e de gênero se mostraram ainda mais intensas, porém o grupo sempre se mantinha unido e com muito respeito. Conquistando assim dois vices campeonatos estaduais e sendo campeãs municipais em outras duas oportunidades.

Nesse momento, como havia sido aprovada para cursar Educação física na UFRGS jogava também pelo time de futsal da faculdade onde participei de um campeonato.

Em 2014, após um bom campeonato gaúcho no time Duda / Canoas fui convidada pela técnica Duda Luizelli para realizar testes em universidades americanas. Os testes aconteceram em Concord, na Califórnia/USA, onde tive a oportunidade de treinar com duas ex-atletas da seleção brasileira reconhecidas nacional e internacionalmente, Marcia Taffarel e a Sissi embaixadora da FIFA. Os treinos foram muito intensos, com alto padrão técnico e tático diferenciando dos padrões brasileiros. Importante ressaltar que o futebol é considerado o primeiro esporte feminino nos Estados Unidos, diferente da cultura brasileira o futebol se apresenta como uma área reservada para mulheres. Atualmente, para aqueles que realmente gostam e acompanham o futebol feminino no Brasil e no mundo, sabem que há uma grande diferença entre países europeus, Estados Unidos e Brasil relacionados à organização do futebol feminino, assim como há uma diferença muito grande se comparado ao futebol masculino, principalmente no Brasil (SARDINHA, 2011).

Após o período de testes e treinamentos fui aprovada para participar de times de competição em universidades americanas, teria ainda que realizar a prova de domínio da língua inglesa. No entanto, por uma escolha pessoal decidi por não estudar e jogar fora do Brasil, pelo menos nesse momento.

Retornando ao Brasil, participei como integrante do time da UFRGS do JUGS, no qual conquistamos o título de campeãs com direito a vaga para representar o Rio Grande do Sul no campeonato brasileiro de futsal universitário / JUBS. Nessa oportunidade, fui convidada para fazer parte do time de futsal da ACBF (Associação Carlos Barbosa de Futsal) o que foi uma conquista por pela primeira vez me tornar uma atleta federada, e por ser um tradicional time da serra gaúcha. Junto com

outras jogadoras da capital íamos duas vezes na semana para os treinos e competições. O desgaste das viagens foi compensado pela dinâmica dos treinos e pela oportunidade de participar de um dos únicos times de futsal com uma estrutura profissional organizada. Nesse time conquistamos o vice-campeonato estadual de futsal e mantive o vínculo com a ACBF nos anos de 2014 e 2015.

O primeiro campeonato estadual de futebol sete foi disputado em 2015, neste tive a oportunidade de participar com um time independente, conseguindo como resultado o primeiro lugar no campeonato.

No ano de 2016, retornei ao time da UFRGS, com a expectativa de conquistar novamente o JUGS, porém obtivemos o terceiro lugar. Participando do time de futebol sete, *LaU Sunset*, conquistamos o campeonato nacional, em Conselheiro Lafaiete – BH, em abril. Posteriormente, ao título da Copa dos Campeões, ganhamos vaga para disputar o Sul Brasileiro de fut-7 em Curitiba, tendo como o objetivo alcançado, o terceiro lugar da competição com vaga para a fase final do Campeonato Brasileiro, realizado no mês de Outubro, na cidade de Ouro Branco em Minas Gerais. Além disso, houve a conquista do o campeonato estadual de fut-7, realizado na cidade de Camaquã no Rio Grande do Sul.

Atualmente, estou jogando no time universitário da UFRGS, com propostas para times de futsal do interior do Rio Grande do Sul e para times de futebol de campo espalhados pelo Brasil.

2. INTRODUÇÃO

Quando falamos de futebol feminino, pouco se sabe sobre o Brasil e a estrutura oferecida pelo país, o que é intrigante, pois este é o país do futebol, de onde despontam grandes craques. O Brasil é reconhecido, historicamente, como o país do futebol, sendo esta compreensão delimitada ao futebol masculino. Inclusive, esta condição pode ser evidenciada no Museu do Futebol, que apenas mais recentemente começou a dar visibilidade, também ao futebol feminino no Brasil.

O futebol feminino chegou ao Brasil em 1921, ano que marca a realização do primeiro jogo entre as moças dos bairros Cantareira e Tremembé, na zona norte de São Paulo. Somente após 60 anos foi organizada a primeira seleção brasileira de futebol feminino pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), em 1988. Apesar de uma convocação apressada e com as dificuldades de treinamento enfrentadas pelas atletas na época, a seleção feminina venceu o *Women's Cup of Spain*, um campeonato mundial realizado na Espanha, que contou com a participação de diversos países. A seleção de futebol feminino conquistou o primeiro título internacional para o Brasil, derrotando seleções de Portugal, França e Espanha. O evento mostrou que, em alguns países, o futebol feminino estava em desenvolvimento, como também, no caso brasileiro concedeu mais visibilidade ao futebol de alto rendimento praticado pelas mulheres.

No começo da década de 1990, a Fédération Internationale de Football Association (FIFA) passou a organizar os eventos da modalidade, realizando a primeira Copa do Mundo de Futebol Feminino, na China, em 1991. Em seguida, o futebol feminino foi incluído nos Jogos Olímpicos de 1996, sediados em Atlanta, nos Estados Unidos (PISANI, 2015). E, desde então, a seleção brasileira de futebol feminino tem participado com destaque, posicionando-se entre as grandes seleções mundiais.

De acordo com as estatísticas, são mais de 29 milhões de mulheres jogando futebol ao redor do mundo, dados estes que dobraram nos últimos 10 anos. Os países europeus e Estados Unidos tratam o futebol feminino de forma profissional e organizada, conseqüentemente, com um número de praticantes e torcedores elevado. O que, se traduzido em números, representa um retorno financeiro maior aos clubes e as instituições que atendem ao futebol (RADNEDGE, 2009). No caso

do Brasil, o futebol feminino ainda é praticado basicamente de forma amadora, uma vez que a maioria das atletas desenvolvem outras atividades profissionais. O investimento com o futebol feminino é pequeno e com pouca visibilidade tanto de público como da mídia em geral.

Diante do exposto, o objetivo geral da pesquisa é descrever as diferenças e semelhanças do futebol feminino praticado em clubes do Brasil e dos Estados Unidos. Essa investigação teve como objetivo específico considerar as diferenças e semelhanças relacionadas com a estrutura física: como campo, academia e alojamento; a alimentação e recursos de saúde; as vestimentas uniformizadas; o treinamento tático e técnico; a mídia escrita e digital; as categorias de base, e a participação em campeonatos e viagens (transporte e hospedagem) de atletas brasileiras que atuaram ou atuam no Brasil e nos Estados Unidos.

Para tanto, realizou-se uma revisão de literatura sobre o assunto, além de produzir fontes orais de pesquisa, por meio de entrevistas com atletas brasileiras que jogam futebol nos Estados Unidos.

3. REVISÃO DE LITERATURA

A prática do futebol por mulheres ainda hoje está associada com futebol de praia, campo, e também ao futebol society e ao futebol de salão. Assim, a história da mulher no futebol brasileiro é um reflexo destas quatro possibilidades, pois devido à falta de equipes exclusivas em cada uma destas práticas, as mulheres circulavam e circulam entre estas modalidades. Além desta peculiaridade e apesar de se ter notícias da prática do futebol por mulheres desde os anos de 1970, o futebol feminino não se desenvolveu adequadamente no Brasil, o chamado “país do futebol”.

Muitos fatores estão associados ao desenvolvimento do futebol feminino no Brasil em perspectivas histórico-sociais. A prática do futebol por mulheres foi sugerida como nociva à saúde. Isso restringiu o processo de inserção das mulheres no esporte de forma que em 1941, foi promulgado o decreto-lei n. 3.199, que até o ano de 1975 estabeleceu as bases de Organização dos Desportos em todo o país. E em seu artigo 54, faz referências à prática do esporte pelas mulheres. Neste contexto de reclusão social destacavam-se as recomendações de ordem médica - canceladas por resoluções do Conselho Nacional de Desportos-CND desde a década de 1940 – que desaconselhavam à mulher a prática de esportes de esforços intensos e de contatos violentos. Estes dispositivos proibitivos apoiados no Decreto Lei 3.199/1941 só foram revogados no ano de 1979 com a deliberação nº 10 do Conselho Nacional de Desportos (MOURÃO, 2005).

Em 1964, o regime militar tornou a proibição expressa pelo Conselho Nacional de Desportos, através da Deliberação nº. 7, na qual: “Não é permitida a prática feminina de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo, halterofilismo e beisebol”. A abertura ao futebol feminino só aconteceria em um contexto de aumento das liberdades individuais, quando as mulheres passaram a ignorar as proibições, nos últimos anos do regime militar. Em 1981, a deliberação acabou revogada, no entanto as mulheres ainda não poderiam se profissionalizar.

A falta de estudos relacionados ao conhecimento fisiológico da mulher no esporte possibilitou diversas especulações que deram origem aos preconceitos e barreiras que inibiam a prática feminina. A matriz de sentido que define o tipo de

atividade que as mulheres poderão realizar se dá em função de um conjunto articulado de saberes biomédicos que criam o local da maternidade como o objetivo central na vida de qualquer mulher e, além disso, estabelece o estigma da fragilidade inata e da vulnerabilidade anatômica decorrentes da sua capacidade de procriar (LESSA, 2005).

Os valores sexistas, embutidos no contexto social brasileiro, criam as desigualdades de gênero, que mesmo flexibilizadas, ainda mantém atualmente códigos de condutas específicos para o comportamento feminino, refletindo diretamente na prática esportiva. A imagem estereotipada da "mulher feminina" se insere em aspectos discriminatórios que continuam a dificultar a consolidação do futebol feminino, perpetuando a ideia de que o espaço do futebol não é tipicamente feminino (TEIXEIRA, 2013).

Também, a comparação de rendimento esportivo entre homens e mulheres tornou-se injusta, pelo grau de envolvimento e tabus que as mulheres tiveram que romper. Mourão e Morel (2005) descreveram um controle histórico-estético do futebol feminino que mostra a exibição de corpos femininos atléticos e a aceitação do futebol feminino como espetáculo caricatural e versão imperfeita e ridícula do futebol masculino, que seria tecnicamente "perfeito". As principais atletas da geração 1980 e 1990 apresentavam perfis masculinizados conflitantes aos interesses das empresas patrocinadoras, que cada vez mais buscavam realçar o estilo delicado da mulher.

Assim a mídia, apostando no espaço de publicidade do futebol feminino, não logrou êxito, pois a qualidade do desempenho feminino é e foi comparada com a performance do homem, o que torna o jogo feminino pouco atrativo. Ainda hoje, a cobertura esportiva trata diferente homens e mulheres. Abordando as mulheres em quesitos estéticos, ao invés de esportivos, ou mesmo reduzindo a quantidade de matérias e produções do esporte feminino. Uma pesquisa realizada em 108 países mostrou que apenas 11% das notícias esportivas produzidas são sobre as mulheres. Se considerarmos a Espanha, este número diminui para 6%. Interessantemente, as campeãs espanholas, do Athletic Bilbao, tiveram uma entrevista coletiva cancelada, pois nenhum jornalista se fez presente (HEIM, 2016).

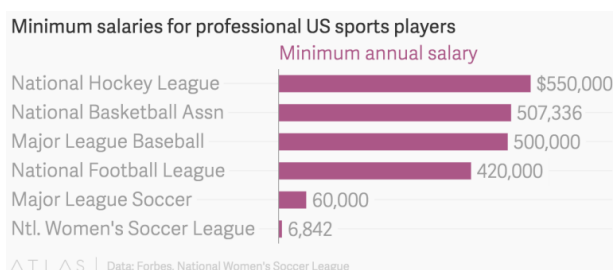
Desta forma, a visibilidade do futebol feminino nos canais de televisão, na internet e em outros meios de comunicação ainda não é vista como produto e

tecnicamente da mesma qualidade que o masculino. Os veículos e patrocinadores não valorizam da mesma maneira que um esporte praticado por homens seria valorizado, mesmo as coberturas dos esportes com presença feminina são aquém das masculinas. Nos portais de esporte as notícias referentes às atletas mulheres são minorias e em alguns campeonatos tem pouca ou nenhuma cobertura da grande mídia.

Atletas de alto nível e ambos os gêneros deveriam ter um tratamento igualitário por parte de quem financia o esporte. O futebol feminino, segundo o Site da Fifa, vem se tornando cada vez mais forte e respeitado, ostentando o impressionante número de 29 milhões de praticantes no mundo todo, sendo a modalidade esportiva mais praticada entre as mulheres.

Nos Estados Unidos, em que o futebol feminino está estruturado, os salários variam de 6 mil dólares anuais, valor considerado abaixo da linha de pobreza, até pouco mais de 30 mil dólares anuais. Isto representa uma diferença significativa quando comparamos a mesma modalidade esportiva, no qual um atleta da Major League Soccer ganha no mínimo um salário anual de 60 mil dólares, segundo um levantamento da Forbes de julho de 2015. Conforme mostra a tabela número 1.

Tabela 1: Salários mínimos para jogadores profissionais de esportes nos Estados Unidos. (Dados Forbes, National Women's Soccer League)



Fonte: Dados *Forbes*, *National Women's Soccer League*

Ainda que no Brasil, o esporte não receba tanta atenção quanto os clubes masculinos, o Campeonato Brasileiro já está na sua quarta edição, com um público pequeno que esta se consolidando. Há um investimento e uma estrutura para que as mulheres joguem futebol no país, porém existe a noção de que o apoio poderia ser maior a respeito de transmissões, distribuição de verbas e a criação de elencos femininos por parte dos grandes clubes brasileiros, que em sua maioria não

possuem equipes femininas (PORTES, 2016). A Confederação Sul-Americana de Futebol, cuja sigla é Conmebol, divulgou o seu novo estatuto e regulamento de licença de clubes que traz uma série de novas normas as confederações afiliadas a entidade, em 30 de setembro de 2016. As equipes que disputarem a Copa Sul-Americana ou a Copa Libertadores da América precisarão se adequar as regras de licenciamento, dentre elas está à obrigação de ter uma equipe de futebol feminino. A Conmebol deu um prazo de dois anos para adequação, desta forma a medida será válida a partir de 2019. O regulamento prevê ainda que o clube tenha ao menos uma categoria juvenil feminina, prover de suporte técnico e todo o equipamento e infraestrutura necessária para o desenvolvimento das equipes em condições adequadas. Será exigido dos clubes a participação de ambos os times, em competições nacionais e regionais autorizadas pela respectiva associação membro (Conmebol, 2016).

O Ministério do Esporte disponibilizou juntamente com a Caixa Econômica Federal 137 bolsas atletas, totalizando um valor de 2,5 milhões de reais anuais e investe no Campeonato Brasileiro um valor anual de 10 milhões de reais. Em contraponto, quando observamos os gastos da Confederação Brasileira de Futebol, com as seleções de 2015 é notória a diferença. A equipe masculina principal recebeu 61 milhões de reais diretamente, enquanto a equipe feminina contou com 18 milhões de reais. Este valor é menor do que aquele direcionado às equipes de base masculinas, as quais recebem 22 milhões de reais. Conforme a tabela 2 abaixo.

Tabela 2: Gastos da Confederação Brasileira de Futebol nos anos de 2014 e 2015.

Custos com o Futebol			
Seleção Principal		(61.717)	(58.201)
Seleções de Base		(22.760)	(13.201)
Seleções Femininas		(18.258)	(9.583)
Contribuição ao fomento do futebol nos Estados e Competições	13	(123.280)	(107.740)
Total dos Custos Diretos com o Futebol		(226.015)	(188.725)

Fonte: Dados CBF; ano 2015

Para Moura (2007), apesar do futebol feminino, no Brasil, ainda viver de altos e baixos, principalmente o chamado “futebol profissional”, falta de campeonatos, de torneios, equipes que se formam e rapidamente se extinguem por falta de apoio, pode-se dizer que o mesmo já conquistou muito as mulheres.

4. METODOLOGIA

Este estudo apresenta uma abordagem qualitativa, descritiva e interpretativa. Contou com a participação de sete atletas brasileiras que tenham atuado ou atuam em clubes de futebol dos Estados Unidos e do Brasil. A escolha deu-se de forma intencional, pois essas atletas já jogaram em clubes de ambos os países e atuaram no futebol do Rio Grande do Sul. Foi utilizado como instrumento de coleta de informações uma entrevista semiestruturada. Para captação de dados foram realizadas entrevistas com roteiro pré-estabelecidos, utilizando o Formulário *Google*. A partir do mapeamento das respostas obtidas, foi realizada a análise qualitativa e a discussão das informações.

As entrevistas ocorreram entre agosto e setembro do ano de 2016. Durante esse período, as atletas foram convidadas a responder a entrevista semiestruturada por correio eletrônico e via Formulário *Google online*. Os critérios de inclusão consideraram atletas de futebol feminino que atuam em clubes dos Estados Unidos e do Brasil.

Com relação aos procedimentos éticos, antecedendo a realização das entrevistas, foi informado o objetivo da pesquisa e apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). O fato de responder a entrevista semiestruturada foi considerado como aceite de consentimento. Os nomes das atletas não foram identificados no estudo.

5. RESULTADOS

O estudo contou com a participação de sete atletas brasileiras de um total de doze atletas que foram contatadas para responder a entrevista semiestruturada. Cinco atletas apesar de aceitarem participar do estudo acabaram por não responder a entrevista. As sete atletas participantes do estudo já atuaram em clubes de futebol no Brasil e, atualmente, estão morando nos Estados Unidos, jogando futebol de forma profissional. A tabela número 3 e 4 mostram as características do grupo avaliado, considerando as respostas de cada uma das atletas.

Com relação aos recursos disponibilizados em atenção à saúde das atletas e orientação psicológica e alimentar, considerando as diferentes respostas das entrevistadas, revelou que nas equipes profissionais americanas as jogadoras possuem assistência médica, fisioterápica, psicológica e nutricional. No entanto, nos clubes de desenvolvimento, para que a criança possa jogar competitivamente os pais devem providenciar o exame médico e a cópia do plano de saúde. No Brasil, evidenciaram-se as dificuldades encontradas pelas atletas, pois os clubes não conseguem manter o futebol feminino profissional. Sendo assim, as atletas quando se lesionam não tem auxílio médico do clube e caso não tenham plano de saúde ficam dependentes do Sistema Único de Saúde (SUS).

As diferenças quanto à ajuda financeira em viagens, transporte, hospedagem para campeonatos e vestimenta uniformizada para treinos e jogos foram observadas em todas as respostas das entrevistadas (tabela 5). As equipes profissionais americanas tem uma estrutura muito organizada e eficiente. Os clubes, de uma maneira geral, possuem um departamento de marketing o qual tem uma importância significativa na captação de recursos, sendo responsável desde a busca de patrocínio até pela venda de ingressos para os jogos e a venda de materiais esportivos. Ainda, a Federação de Futebol dos Estados Unidos, a *US Soccer*, é responsável pelo salário das atletas que fazem parte da seleção, somado a isto a *National Women's Soccer League* também repassa uma verba para cada clube. Com relação às viagens, transporte e hospedagem para campeonatos cada clube americano segue uma norma considerando o tipo de competição. Com relação aos deslocamentos, de uma maneira geral, são realizados de avião. No Brasil, a *Sport Promotion*, detém o direito de transmissão de alguns campeonatos e trabalha e

parceria com as maiores emissoras de televisão, apoiada com diferentes patrocinadores, cria eventos ou apoia o futebol feminino, repassando os valores para os clubes através da Caixa Econômica Federal. Não foi mencionado por nenhuma atleta o conhecimento de que nos clubes houvesse um departamento de marketing para captação de recursos. Quando foi considerada a hospedagem, os clubes procuram hotéis de baixo custo ou mesmo alojamentos em escolas ou ginásios esportivos. As viagens, na sua maioria, são de ônibus envolvendo algumas vezes, muitas horas de deslocamento para economizar em relação ao custo das passagens aéreas. Todo o investimento no futebol feminino nos Estados Unidos está muito associado com a cultura, uma vez que os pais investem muito inicialmente, se mobilizando para arrecadação de fundos para manter os programas esportivos até a idade de 18 e 19 anos.

Nos Estados Unidos, os campos podem ser de grama sintética ou natural, e existe a disponibilidade de academias modernas dentro ou fora dos clubes. No Brasil, as atletas enfrentam dificuldades, pois os campos são irregulares e os treinos acontecem em parques públicos, porque as prioridades dos campos de clubes são dos atletas do futebol masculino. As academias são pequenas ou com aparelhos ultrapassados ou mesmo inexistentes.

Quanto ao treinamento técnico e tático, nos Estados Unidos a ênfase é no treinamento físico e na organização tática dentro de campo, as jogadoras são muito disciplinadas taticamente. O treinamento técnico é sempre visando muitos toques na bola, ocupando a maior dimensão do campo. No Brasil, o treinamento está focado na técnica de habilidades individuais, com jogadoras criativas e de visão de jogo.

O incentivo ao futebol feminino em categorias de base são diferentes quando comparamos os dois países. As americanas possuem competições nas diferentes idades desde a base até a idade adulta, o que favoreceu o país a se tornar uma grande potência nesta modalidade esportiva. As brasileiras dependem de escolinhas particulares de futebol para a iniciação no esporte, porém não existem competições infanto-juvenis. No Rio Grande do Sul, existe apenas um campeonato de categoria sub-20 de futebol feminino, e nas demais categorias apenas campeonatos interescolares ou torneios de futsal.

O desenvolvimento nos Estados Unidos torna o esporte favorito das mulheres, por estar incluído desde a fase escolar e em universidades através de

bolsas para atletas, e ligas de alto nível para disputas de campeonatos. No Brasil, o futebol feminino luta contra o preconceito e a desigualdade de gênero, paralelamente com a falta de estrutura física e obviamente a financeira.

Na tabela abaixo apresentamos informações sobre as atletas entrevistadas para o estudo, elaborada pela pesquisadora.

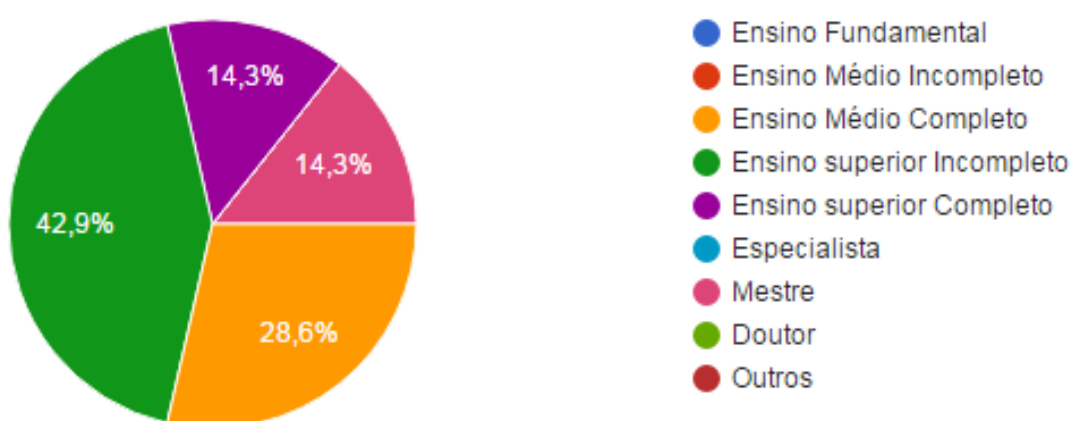
Tabela 3 – Características das participantes do estudo.

Participante	Faixa Etária	Idade que iniciou no futebol (anos)	Clubes que atuou no Brasil	Clubes que atuou nos Estados Unidos	Atividade profissional relacionada com futebol	Atividade profissional simultânea com futebol
1	21	05	Grêmio Foot-ball Porto Alegre (Porto Alegre - RS), Canoas (Canoas - RS), Esporte Clube São José (Porto Alegre - RS)	Union College (Kentucky)	Não	Sim
2	25	05	Grêmio Foot-ball Porto Alegre (Porto Alegre - RS), Sport Club Internacional (Porto Alegre - RS), Esporte Clube Juventude (Caxias do Sul - RS), Associação Carlos Barbosa de Futsal (Carlos Barbosa), Ulbra (Canoas - RS)	Tetra Brasil Coach (Kansas)	Não	Sim
3	18	07	Grêmio Foot-ball Porto Alegre (Porto Alegre - RS)	Redhawk (Tennessee)	Sim	Não
4	25	14	Sport Club Internacional (Porto Alegre - RS), Esporte Clube Juventude (Caxias do Sul - RS)	Lousiana Shreveport University (Shreveport), Northwood (Ohio), Ohio University (Ohio)	Sim	Sim
5	22	11	São José dos Campos Futebol Clube (São José dos Campos-SP)	Monroe College (New York), Creighton University	Não	Não

				(Omaha)		
6	48	13	Saad Esporte Clube São Caetano do Sul – SP), Sport Club Corinthians Paulista (São Paulo – SP), Sociedade Esportiva Palmeiras (São Paulo – SP), Sao Paulo Futebol Clube (São Paulo – SP)	California Storm (Sacramento)	Sim	Sim
7	24	06	Sport Club Internacional (Porto Alegre - RS), Porto Alegre Futebol Clube (Porto Alegre –RS), Sociedade Esportiva Recreativa e Cultural Chimarrão (Estância Velha –RS), Esporte Clube São José (Porto Alegre - RS)	Tiffin University (Tiffin)	Não	Sim

Um dos elementos que buscamos identificar por meio da pesquisa diz respeito ao grau de escolaridade das entrevistadas. Na sequência apresentamos um gráfico com tais informações, elaborado pela pesquisadora.

Tabela 4 – Escolaridade das participantes do estudo.



Outro dado considerado importante foi à coleta de dados sobre os recursos disponibilizados para as atletas no Brasil e nos Estados Unidos, com relação a várias demandas da vida de jogadora de futebol. Na tabela abaixo, elaborada pela pesquisadora, segue as informações obtidas com as atletas.

Tabela 5 - Recursos disponíveis para as atletas.

País		Brasil	Estados Unidos
Campo	Grama	qualidade duvidosa	presente
	Sintético	qualidade duvidosa	presente
Fisioterapeuta		ausente	presente
Alojamento / apartamentos		ausente	presente
Academias		ausente	presente
Saúde / Orientação nutricional / Psicológica		ausente	presente
Ajuda financeira		ausente	presente
Viagens / transporte / hospedagem		qualidade duvidosa	presente
Vestimenta uniformizada		qualidade duvidosa	presente

6. DISCUSSÃO

Esse estudo foi elaborado a partir de um questionário semiestruturado enviado eletronicamente que contou com a participação de sete atletas brasileiras que consentiram em responder a entrevista. As atletas participantes do estudo já atuaram em clubes de futebol no Brasil e, atualmente, estão morando nos Estados Unidos, jogando futebol de forma profissional. Estas atletas, com idade superior a 18 anos, buscaram melhor qualidade de trabalho e a possibilidade de estudar em universidades americanas. Visto pelas características da amostra na qual 42,9% das atletas apresentaram ensino superior incompleto e na sua maioria estudam em universidades americanas.

Conforme estudo de Soares e colaboradores (2011), que teve como objetivo refletir sobre a relação entre a profissionalização no futebol e a escolarização, observou-se que o Brasil exportou para o exterior nos últimos seis anos 6.648 jogadores. Deste contingente emigraram para Europa 3.593, isto é, 54,0% do total. Argumentando que estamos diante de uma agência que recruta jovens do sexo masculino, em geral das camadas populares, para atuarem no mercado interno ou externo do futebol. Isto configura em um tipo de negócio que dá base à criação de uma indústria de formação profissional, que pode estar em competição com a escolarização básica dos jovens aspirantes a atletas profissionais. Esta crescente demanda de transferências de jogadores brasileiros para o exterior é produto de fatores como: o limite de empregabilidade do mercado interno; os interesses competitivos e financeiros dos clubes estrangeiros com maior capital financeiro; a relação custo / benefício na importação desses serviços especializados. Consideramos que o mesmo caminho possa estar sendo trilhado pelas atletas do futebol feminino que buscam a possibilidade de empregabilidade no exterior além de profissionalização associada à escolaridade.

Melo (2010) também verificou que a carga horária que os atletas em formação dedicam ao futebol em pouco difere do tempo dedicado para frequentar a escola. Nesse estudo, mostrou que o tempo de treinamento nas categorias de base é semelhante ao das equipes profissionais, portanto, em termos práticos a carga horária de dedicação de adultos e aspirantes a atletas é a mesma. Outro dado na formação de atletas é o processo migratório, porque parte desses jovens que

ingressam na carreira do futebol vem de outras cidades ou estados diferentes do clube formador. Isto significa que passam a residir separados de suas famílias e, se forem sendo aproveitados nas categorias subsequentes, podem viver nessa condição até a profissionalização. O estudo aponta que os atletas emigrantes, que vivem em regime de albergamento nos clubes do Rio de Janeiro, possuem maior número de reprovações e atraso escolar do que os atletas que residem com suas famílias.

O mesmo não foi evidenciado nas atletas que compõe esta amostra, que justamente buscam a escolaridade quando migram para o exterior. Provavelmente, porque os clubes ainda apresentam pouco investimento no futebol feminino no Brasil, sendo a carga horária de treinamento menor quando comparada as categorias de base masculinas, o que acaba por favorecer a escolaridade. Para as atletas femininas o afastamento da família ocorre no momento em que o ensino básico já foi concluído.

Todavia, o discurso oficial dos clubes indica que os atletas são obrigados a estudar, mas a maioria dos clubes formadores não supervisiona ou acompanha a vida escolar dos mesmos (MELO, 2010).

No futebol feminino, a maioria dos clubes ou escolinhas particulares de futebol, tanto no Brasil quanto nos Estados Unidos, acompanham o aproveitamento escolar das atletas. Um mau aproveitamento pode acarretar o desligamento e perda da bolsa de incentivo atleta.

Os resultados mostraram que os recursos disponibilizados em atenção à saúde das atletas e orientação psicológica e alimentar, considerando as respostas das diferentes atletas, nas equipes profissionais americanas as jogadoras tem toda a assistência médica, fisioterápica, psicológica e nutricional. Já no Brasil, ficou claro as dificuldades encontradas pelas atletas quando se lesionam, pois não tem auxílio médico do clube e caso não tenham plano de saúde ficam dependentes do Sistema Único de Saúde (SUS).

No entanto, quando observamos a Constituição da República Federativa do Brasil, vemos que o conceito de direito constitucional do trabalho, assegurou a todos os trabalhadores o direito à redução dos riscos inerentes ao trabalho, mediante normas de saúde, higiene e segurança, nos termos do inciso XXII de seu artigo 7º. Logo, esta previsão também é aplicada ao atleta profissional de futebol. Cada vez

mais o preparo físico é requisito essencial na formação do atleta, pois o nível de competitividade está em constante crescimento, o que demanda maior esforço do jogador, sendo que para se chegar a este nível de preparo e depois mantê-lo existe um desgaste físico e biológico proporcional. A ocorrência de lesões é uma constante na vida do atleta, principalmente o de alto rendimento, incluído dentre as profissões de desgaste rápido, agravado pela competitividade, o que gera incapacidades por contusões, lesões e acidentes de trabalho de atletas profissionais. Assim, no Brasil os dispositivos legais apontam para que o clube empregador também seja responsável pelas despesas médicas e dos medicamentos necessários ao restabelecimento do atleta (VEIGA, 2014). Cabe ressaltar que apesar dos dispositivos legais estas leis não são seguidas nem tão pouco fiscalizadas no futebol feminino pela maioria dos clubes.

Quanto ao treinamento técnico e tático, segundo as atletas entrevistadas, nos Estados Unidos a ênfase é no treinamento físico e na organização tática dentro de campo, as jogadoras são muito disciplinadas taticamente. Enquanto no Brasil, o treinamento esta focado na técnica de habilidades individuais.

Em termos de futebol feminino, a atleta brasileira tem vantagem em relação à americana na possibilidade de crescer em um ambiente de futebol mais criativo, mas tem também a grande desvantagem de ter menos estrutura e organização para o desenvolvimento da própria carreira. Com a limitação durante o seu processo de desenvolvimento de estar exposto somente a técnicos de sua nacionalidade que ensinam no “estilo brasileiro”, já que não existem muitos treinadores estrangeiros no Brasil. Enquanto nos Estados Unidos, os critérios de avaliação incluem não somente as capacidades físicas, técnicas e táticas, mas fatores comportamentais como: dedicação durante o treinamento e capacidade de adaptação e trabalho de grupo. Em termos de metodologia de treinamento, existem diferentes tipos de progressões. Por exemplo, a progressão para aprimoramento técnico, passando para a fase onde começa a se colocar pressão do adversário, mas com regras para permitir a execução do movimento e chegando à fase onde a atividade não pode ter restrições para se pressionar a bola e finalmente onde o jogador terá que executar os movimentos na mesma função que executa durante as partidas. Uma grande diferença “cultural” é que o treinador americano não assume que o atleta saiba executar com perfeição as ações requeridas pelo jogo. Importante salientar que nos

Estados Unidos a escolha dos atletas observa como jogam para seus clubes e através do seu desempenho em jogos, fazendo com que os atletas se acostumem a ter que adaptar-se rapidamente a diferentes estilos de jogo e a ter que manter o nível do desempenho durante todos os treinos e partidas em todo o processo de seleção. Esse ambiente desenvolve nos jogadores, desde cedo, uma cultura que valoriza o trabalho, a dedicação e a entrega total à equipe. No Brasil, os jogadores de futebol não são expostos a treinadores com uma maior variedade de exigências e um processo de treinamento e seleção competitivo. Poderíamos ter seleções com a mesma qualidade técnica que possuímos atualmente, porém mais organizadas defensivamente, com uma melhor velocidade de jogo e capazes de operações táticas mais eficazes durante as partidas (ANTONELLI, 2012).

Assim, considerando as entrevistas semiestruturadas das atletas podemos observar que estas estão de acordo com a literatura sobre o futebol feminino, que confirma as dificuldades ainda encontradas no Brasil. Muito precisamos crescer, pois ainda estamos limitados a um treinamento inicial em um ambiente criativo e recheado de futebol, que nos permite desenvolver uma coordenação motora fina, enquanto nos Estados Unidos a maioria das atletas ficam expostas a um treinamento formal com um investimento maior favorecendo o resultado final.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando as entrevistas semiestruturadas realizadas e a literatura pesquisada pode-se concluir que o futebol feminino no Brasil necessita de um maior investimento sociocultural e financeiro que permita uma equiparação e valorização semelhante aos clubes norte americanos. Essa diferença observada durante a pesquisa acontece em todas as categorias avaliadas, tanto do ponto de vista da participação da família no desenvolvimento das categorias iniciais, quanto no profissional.

Nos Estados Unidos os clubes profissionais femininos utilizam um departamento de marketing como forma de captar recursos financeiros, favorecendo a estrutura física assim como a qualidade do treinamento técnico e tático das atletas, refletindo no desempenho das equipes em campeonatos nacionais e internacionais. No entanto, apesar das diferenças entre os países, o futebol feminino é considerado o esporte de escolha pela maioria das mulheres.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, H. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias e homens na Educação Física/** Dissertação de Mestrado Dissertação - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. 1998; 110 p.

ANTONELLI, M A. **Brasil vs EUA: aprendendo e ensinando de formas diferentes.** Universidade do Futebol. Artigo publicado online em 10/11/2012. Disponível em: <http://universidadedofutebol.com.br/brasil-vs-eua-aprendendo-e-ensinando-de-formas-diferentes/>. Visto em 06 de novembro de 2016.

BORGES, C. **Futebol feminino nas Olimpíadas.** Disponível em: <http://www.clerioborges.com.br/ffeminino.html>. Visto em 04 de setembro de 2016.

CONFEDERAÇÃO SUL-AMERICANA DE FUTEBOL. **Regulamento.** Disponível em: <http://www.conmebol.com/es/estatuto> Visto em 06 de novembro de 2016.

DARIDO, SC. **Futebol Feminino no Brasil: Do seu Início à Prática Pedagógica.** Motriz 8 (2), 43-49, 2002, UNESP. Disponível em: www.rc.unesp.br/ib/efisica/motriz/08n2/darido.p

FRANZINI, F. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 50, jul./dec. 2005.

HEIM, J. **A diferença financeira entre gêneros no esporte;** Artigo publicado online em 24 de agosto de 2016. Disponível: <http://nerdesporte.blogspot.com.br/2016/08/a-diferenca-financeira-entre-generos-no.html>. Visto em 04 de novembro de 2016.

LESSA, P. **Mulheres, corpo e esportes em uma perspectiva feminista.** Motrivivência Ano XVII, Nº 24, P. 157-172 Jun./2005.

MELO, L. B. S. **Formação e escolarização de jogadores de futebol no Estado do Rio de Janeiro.** 2010. 72 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)- Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

MOREL, M.; SALLES, J. C. C. **Futebol feminino.** Atlas do esporte no Brasil. Acesso em: 04 novembro. 2016.

MOURA,ERIBERTO LESSA. **O futebol feminino no Brasil.** Disponível em: http://www.mesquitaonline.com.br/artigos_mostrar.php?cod=56;>. Acesso em 15 de outubro 2007.

MOURÃO, L; MOREL, M. As narrativas sobre o futebol feminino. O discurso da mídia impressa em campo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 26, núm. 2, 2005, pp. 73-86 Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte Curitiba, Brasil.

PISANI, M. **Mulheres em Campo** – EBC. Setembro de 2015. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/brasileiraofeminino>. Visto em 30 de abril de 2016.

PORTES, F. **Ligas Femininas de futebol se reformulam para fortalecer a modalidade**. Artigo publicado online em 16 de agosto de 2016. Disponível em: <https://esportes.yahoo.com/noticias/ligas-femininas-de-futebol-se-reformulam-para-155953372.html>.

RADNEDGE, K. **Recordes do futebol mundial**. São Paulo: Martin Corteel, 2009. 256p.

SARDINHA, EM. A estrutura do futebol feminino no Brasil. **Revista Hórus** – Volume 5, número 1 – Jan-Mar, 2011.

SOARES A J G; MELO L B S; COSTA, F R; BARTHOLO, T L; BENTO, J O. Jogadores de futebol no Brasil: mercado, formação de atletas e escola. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 4, p. 905-921, out./dez. 2011.

STEIN, L. **O futebol feminino já foi proibido até pela lei brasileira, mas segue na luta pela emancipação**- Disponível em: <http://trivela.uol.com.br/o-futebol-feminino-ja-foi-proibido-ate-pela-lei-brasileira-mas-segue-na-luta-pela-emancipacao/>. Visto em 29 de junho de 2016.

TEIXEIRA, F L S; CAMINHA, I O; Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Revista Movimento**; Porto Alegre, v. 19, n. 01, p. 265-287, jan/mar de 2013.

TOJAL, M C. **Corpo de mulher e poder: relações de gênero**. Lato & Sensu, Belém, v.4, n.1, p.1-8, out 2003.

VEIGA, M F C. Responsabilidade civil dos clubes de futebol em casos de acidente de trabalho. **Revista Justiça e Cidadania**, ed. nº 163. 2014. Disponível em: <http://www.editorajc.com.br/2014/04/responsabilidade-civil-clubes-futebol-emcasosde-acidente/>.

ANEXO

DIFERENÇAS CULTURAIS DO FUTEBOL FEMININO ENTRE ESTADOS UNIDOS E BRASIL

O objetivo desse trabalho é descrever as diferenças entre o futebol feminino praticado em clubes do Brasil e dos Estados Unidos, considerando: a estrutura física, como campo, academia, alojamento; alimentação, recursos de saúde; vestimentas uniformizadas; treinamento tático e técnico; mídia escrita e digital; categorias de base, campeonatos, viagens (transporte e hospedagem).

*Obrigatório

Nome: *

Sua resposta

Idade *

Sua resposta

Idade que começou a jogar futebol *

Sua resposta

Escolaridade: *

Ensino Fundamental

Ensino Médio Incompleto

Ensino Médio Completo

Ensino superior Incompleto

Ensino superior Completo

Especialista

Mestre

Doutor

Outro:

Clubes que atuou no Brasil: *

Sua resposta

Clubes que atuou nos Estados Unidos: *

Sua resposta

1. Exerce alguma atividade profissional relacionada com futebol? *

Sua resposta

2. Exerce alguma atividade profissional simultânea com a prática do futebol? *

Sua resposta

3. Que diferenças você percebe na prática do futebol feminino nos Estados Unidos em relação ao Brasil? Caracteriza as diferenças com respeito a estrutura física (campo, academia, alojamento, etc.)? *

Sua resposta

4. Qual a sua opinião sobre o desenvolvimento do futebol feminino no Brasil e nos Estados Unidos? *

Sua resposta

5. São disponibilizados recursos para a saúde das atletas e orientação psicológica e alimentar? *

Sua resposta

6. Quais as diferenças no treinamento tático e técnico? *

Sua resposta

7. Existe um incentivo as categorias de base e campeonatos nas diferentes faixas etárias? *

Sua resposta

8. Há diferenças quanto a ajuda financeira em viagens, transporte, hospedagem para campeonatos e vestimenta uniformizada para treinos e jogos? *

Sua resposta

9. Você gostaria de registrar outras informações sobre o assunto?